



CASA: UMA ABORDAGEM PARA CRIAÇÃO DE AUTONOMIA EM DANÇA

CASA: AN APPROACH TO CREATING AUTONOMY IN DANCE

Yara dos santos Costa Passos¹

UEA/Profartes (UFAM-UEA)

Resumo: Apresentar os primeiros resultados de uma abordagem metodológica para criação em dança e desenvolvimento de autonomia artística, configura o objetivo deste artigo. Intitulei tal abordagem como CASA – Corps/Corpos, Amazônia, Singularidades e Autonomia Artística, é uma proposta específica para as pessoas artistas e estudantes de dança que vivem e/ou que são da Amazônia, os quais também se enquadram como *corpos e corpos da floresta* a partir de Passos (2019). CASA faz aliança com a Aprendizagem Socioemocional (ASE), proponho uma interlocução das cinco competências - autoconhecimento, autorregulação, consciência social, habilidades de relacionamento e tomada de decisões responsáveis - com as três etapas que desenvolvo em processos criativos, a saber: Escuta de si; Reconhecimento de si e Processo de criação. Esta metodologia ainda esta em fase de experimentação, ainda não temos como afirmar a sua eficiência no alcance da autonomia artística, mas apresento três relatos de jovens artistas, identificando que a metodologia CASA proporcionou maior esclarecimento de si e maior segurança no discurso dos seus processos criativos. Trata-se de um projeto de pesquisa de produtividade acadêmica pela Universidade do Estado do Amazonas. (UEA).

Palavras-chave: CASA; Autonomia Artística; Dança; Processo de Criação.

Abstract: Presenting the initial results of a methodological approach to dance creation and the development of artistic autonomy is the objective of this article. I have titled this approach CASA – Corps/Bodies, Amazon, Singularities, and Artistic Autonomy. It is a specific proposal for artists and dance students who live in and/or are from the Amazon, who also classify themselves as forest bodies, according to Passos (2019). CASA aligns with Social-Emotional Learning (SEL). I propose an interplay of the five competencies—self-knowledge, self-regulation, social awareness, relationship skills, and responsible decision-making—with the three stages I develop in creative processes: Self-Listening; Self-Recognition; and Creative Process. This methodology is still in the experimental phase; we cannot yet confirm its effectiveness in achieving artistic autonomy. However, I present three accounts from young artists, identifying that the CASA methodology provided greater self-clarification and greater confidence in the discourse of their creative processes. This is an academic productivity research project by the State University of Amazonas (UEA).

Keywords: CASA; Artistic Autonomy; Dance; Creative Process.

¹ Artista e Produtora de Dança, Professora do Curso de Dança da UEA e do Profartes (UFAM/UEA), Corpa da Floresta de Urucurituba/AM. Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), Mestra em Performance Artística – Dança (FMH/UL), especialista em Coreografia (UFBA). Pesquisa o corpo amazônico em cena e a dança que utiliza técnicas esportivas verticais/aéreas e/ou circenses. ORCID: [0000-0001-7215-7785](https://orcid.org/0000-0001-7215-7785)



1 INTRODUÇÃO

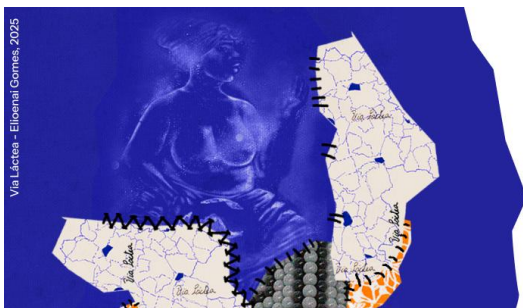
Este artigo encontra-se no Eixo 2 - **POÉTICAS E ESTÉTICAS EM ARTE/EDUCAÇÃO**, uma vez que tem o foco em processos de criação em Dança.

A linha de pesquisa acadêmica e artística que acredito e invisto está relacionada com os *corpos e corpas da floresta* (Passos, 2019) e o estudo de processos criativos em dança e performance. Alguns pontos norteadores dos trabalhos que venho desenvolvendo são: a observação dos vestígios colonizadores nas artes do corpo, as estratégias para agir na decolonização e a emancipação destes corpos via a linguagem da dança e da performance.

A decolonização é antes de tudo uma insurgência educativa propositiva (Oliveira, 2016), não é apenas denunciativa e/ou expositiva de questões que perduram na nossa sociedade desde a colonização. Ou seja, é preciso agir, criar ações para transformar posturas atitudinais rígidas em comportamentos mais flexíveis e sensíveis às diferenças de realidades e contextos, é urgente tal transformação.

Oriunda do beiradão do Rio Amazonas, cresci submetida a uma educação colonizada, e no processo de qualificação acadêmica fui movida pelo pensamento decolonizador. Apesar das estratégias do capitalismo para a manutenção da exploração de pessoas, da coisificação de pessoas, do escalpo e da concretização das nossas florestas, é preciso resistir, intervindo pelo microativismo na sala de aula e produções artísticas. O desejo é ser a água como um fluir dos afetos entre as pessoas e o mundo. A terra pede silêncio das máquinas exploradoras de minerais que centralizam a riqueza nas mãos de uma pequena parcela da humanidade.

Proponho assim, a metodologia CASA: Corpos e Corpas Amazônidas, Singularidades e Autonomia Artística. CASA faz aliança com a Aprendizagem Socioemocional (ASE), crio uma interlocução das competências - autoconhecimento, autorregulação, consciência social, habilidades de relacionamento e tomada de decisões responsáveis - com as três etapas que desenvolvo em processos criativos, a saber: Escuta de si; Reconhecimento de si e Processo de criação.

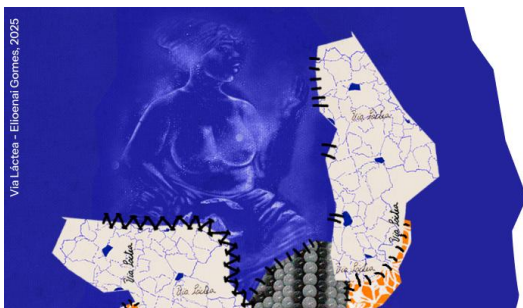


Neste artigo, proponho apresentar, a partir de quatro relatos de jovens artistas e/ou acadêmicos de Dança na UEA, os resultados iniciais do uso da metodologia CASA em processos criativos tendo como meta final a produção de autonomia artística das *corpas e corpos da floresta* (Passos, 2019) que dançam.

A relação com o conceito de *corpos e corpas da floresta* (Passos, 2019), possibilita a continuidade da pesquisa iniciada na minha tese de doutoramento, cujas perguntas deixadas nas considerações finais são: “o que pode ser feito para modificar a lógica da exclusão que marca os corpos da floresta? Que dança pode resistir transformando o corpo banido da floresta em corpo existente e ativista? (Passos, 2019, p. 111). Tais questões reverberam na minha vida profissional como arte educadora em Dança, e CASA é uma das respostas que acredito ser um bom norte para quem vive no Norte. Obviamente que no futuro, penso abrir para outras corpas/corpos dos nossos Brasis, mas por enquanto me restrinjo aos amazônicos.

Neste início, com uma investigação mais sistemática, os resultados acadêmicos foram: apresentação no III Seminário Profartes (UFAM/UEA) e no VIII Congresso da ANDA (Associação Nacional de Pesquisadores em Dança); orientação de quatro iniciações científicas; dois trabalhos de conclusão de curso e dois mestrados do Profartes. Além disso, em 2024 trabalhei com 10 (dez) artistas na experimentação desta abordagem, tendo sido contemplada com um projeto de pesquisa pela Lei Paulo Gustavo/Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Amazonas.

Esta abordagem, que também arrisco definir como uma metodologia para dilatar mais os sentidos dessa palavra, foi instigada pelas necessidades observadas dentro de casa, no trabalho e com o isolamento social devido a pandemia entre os anos de 2020 a 2021. Neste período muitas pessoas do setor cultural não tinham como trabalhar, muito menos reservas financeiras. Consequentemente não tinham como sobreviver sem as campanhas solidárias que arrecadavam alimentos, material de limpeza e medicamentos para ajudar os mais necessitados. Para Lopes e Passos (2021, p. 51) isso foi agravado pela, “[...] presença dominante de um modelo econômico insustentável e predatório capitaneado pelo neoliberalismo proporcionou as condições necessárias para o estabelecimento e o agravamento da crise”.



Não irei tratar sobre este aspecto², mas é a porta que abriu o desejo de compreender a minha própria trajetória profissional, pois me sentia privilegiada por ter um salário fixo, uma casa e a internet para me comunicar. Diante dos contextos de outros artistas e estudantes, procurei levantar o que tinha me favorecido e a partir desta reflexão, busquei sistematizar as etapas de trabalho.

Movida por estes sentimentos e por ser mãe de uma menina autista, com nível de suporte 2, resolvi investir em uma especialização sobre Aprendizagem Socioemocional, na tentativa de agregar conhecimentos no meu modo de agir como mãe e arte-educadora, sentia que apenas o conhecimento técnico não era suficiente para lidar com toda a complexidade daquele momento. Ao final do curso, consegui inserir e relacionar as cinco competências, já elencadas anteriormente com as etapas de processo criativo que já vinha desenvolvendo, mas que nunca havia sistematizado.

Um outro ponto importante nesse desenvolvimento metodológico é o fato de acreditar na força da criatividade e potência de processos de criação na evolução de ideias e proposições criativas e diferenciadas no mercado de trabalho. Quando falo de ideias me apoio no pensamento de Lapoujade (2017, p. 51) quando diz: “Não consideramos mais a ideia como *sendo pensada*, mas como *fazendo pensar*”. Este autor, baseado no pensamento do filósofo americano William James, complementa afirmando que uma das características fundamentais nas ideias é: “produzir efeitos no pensamento e no corpo [...] ela é um processo” (*idem*). Neste contexto, direcionei as etapas de CASA para processos criativos.

A partir disso, proponho a seguinte questão norteadora: Como estabelecer os entrelaçamentos entre os conhecimentos artísticos com as competências socioemocionais, de modo a criar uma metodologia, a qual denomino CASA, que sustente o desenvolvimento de autonomia artística em processos de criação em dança?

² Sobre o contexto do artista na pandemia, indico o artigo publicado na revista *Outras Fronteiras* da Universidade federal de Mato Grosso (UFMT). Link: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/outrasfronteiras/index.php/outrasfronteiras/article/view/475>. Acesso em 01/09/2025.



A proposição é que ao fazer o uso da metodologia CASA, a partir da percepção de si, estimulando a criação de estratégias para agir nas fragilidades técnicas e potencializar as melhores habilidades corporais, criativas e comportamentais do praticante, posso proporcionar descobertas de caminhos que impulsionam o artista para ter mais autonomia artística. Como bem diz Paulo Freire (1996, p. 25): “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

A autonomia que me refiro tem relação com a preparação para “enfrentar” as adversidades, neste caso, com os bloqueios criativos e com as tomadas de decisão no momento da escolha estética, conceitual e comunicacional que o artista pretende lançar como sua personalidade e seu repertório coreográfico.

Ressalto que, por enquanto, é cedo afirmar que a metodologia CASA é eficiente ou não. Aliás, falar de eficiência na Dança, em processos criativos, demanda trabalhar com a complexidade, o que solicita um tempo maior de experimentações dos protocolos que emergem de CASA, principalmente por lidar com questões de humanidade, subjetividades e diversidade. Nestas mais de três décadas de experiência com a Dança, posso afirmar que diferente de outras áreas de conhecimento, a eficiência em processos de criação em dança pode ser observada quando possibilitamos uma boa base para pesquisa corporal e “libertamos” as amarras da reprodução de padrões para a produção de outros movimentos.

2 DESENVOLVIMENTO

A seguir apresento as três etapas de CASA, trazendo alguns exemplos de artistas que utilizaram a metodologia e encontram-se em um processo de retomada ancestral e/ou criando empoderamento nas suas produções artísticas.

2.1 Etapa 1 – Escuta de Si

É a etapa inicial do processo e tem como foco o diagnóstico da parte artística, técnica e emocional do seu praticante. Como o corpo se encontra?



Observa-se o estado corporal em relação a sua saúde, tônus muscular, aspectos sensório-motores e conhecimentos técnicos de dança já adquiridos no movimento. Paralelamente vai se construindo um trabalho direcionado às principais necessidades diagnosticadas.

Dos materiais da ASE, até o presente momento, tenho utilizado a ferramenta “roda da vida” e a “escuta ativa” por perceber a eficiência destes instrumentos na escuta de si. A roda da vida é feita no início do processo e depois ao final do mesmo, ela colabora na autopercepção de aspectos emocionais e possível geração de autocuidado. Nunca solicito a socialização destes mapas particulares, deixo em aberto, se a pessoa desejar ela compartilha, caso contrário não é obrigatório e nem necessário. A função principal do uso dessas ferramentas é de fato, possibilitar a ampliação da percepção sobre si mesmo. Cada etapa de CASA demanda responsabilidade consigo, e de certa forma é um trabalho solitário e o mergulhar mais ou menos profundo vai depender do quanto esse processo se tornará importante para a pessoa.

Na escuta de si, estimula-se a Presença. O estado de presença que implica em estar integralmente atento, conectado nas atividades daquele momento, quer seja dançando ou não. Para isso utilizo a abordagem somática, com exercício respiratórios e sensoriais. Procuro aguçar os sentidos com exercícios dirigidos em espaço calmo e quando é possível próximo a floresta.

Nas avaliações físicas e de expressividade utilizo a improvisação em dança, assim percebo melhor os gatilhos que acionam a libertação do movimento engessado ou a saída das zonas de conforto da aluna/aluno/artista. Após a improvisação, no final da aula, é importante a roda para conversar com eles sobre as minhas observações coletadas durante a aula e ouvir os mesmos sobre as dificuldades ou facilidades experienciadas na aula.

Segundo a CASEL (The collaboration for academy, social and emotional learning), a competência do Autoconhecimento é a “capacidade para compreender as próprias emoções, pensamentos e valores e como eles influenciam o comportamento em diferentes contextos. Isso inclui a capacidade de reconhecer os



pontos fortes e limitações com um senso de confiança e propósito bem fundamentado”.

O diagnóstico ou o mapeamento corporal inicial que proponho pode atender alguns dos propósitos do Autoconhecimento, tais como o reconhecimento das próprias emoções e dos preconceitos e influências que a pessoa estudante/artista apresenta.

Após esse mapeamento, utilizo exercícios corporais mais intensos, para fortalecer a musculatura mais fragilizada e que compromete, por exemplo, a postura da aluna/aluno/artista. Esta fase pode ser equivalente a competência da Autorregulação, desenvolvendo intervenções específicas para cada fragilidade percebida, potencializando o que for benéfico à saúde e ao fazer artístico e desestabilizando o que aparentemente é estável.

O uso aproxima esta etapa da Autorregulação, definida como a “capacidade para gerenciar emoções, pensamentos e comportamentos de forma eficaz, em diferentes situações e para atingir objetivos e aspirações. Isso inclui a capacidade de adiar recompensas, administrar o estresse e sentir motivação para realizar objetivos pessoais e coletivos”.

A abordagem somática equilibra o tônus muscular e pensamentos de uma forma integral, sem separação e dualismo corpo-mente. A emoção é o movimento de trocas com o ambiente, a emoção é corpo. Assim, o diagnosticar e gerenciar emoções que existe tanto na competência do Autoconhecimento como na Autorregulação pode ser desenvolvida via atividades usadas na dança. Em aulas de consciência corporal, logo no primeiro período de um curso de Dança, quando trabalhamos exercícios respiratórios ligados ao movimento dançado, é comum escutar “eu não sabia respirar” ou “percebi agora que paro de respirar quando danço”. Na metodologia CASA venho considerando todas essas experiências da sala de aula ou da vida pessoal.

2.2 Etapa 2 – Reconhecimento de Si

O Reconhecimento de si é uma forma de cartografar a história de vida, de família e suas ancestralidades. É uma das etapas mais emocionantes, as



descobertas podem ser de ordem diversa. Trata-se de uma tarefa simples, algumas perguntas são feitas para impulsionar uma conversa entre parentes.

A proposta é reconhecer origens, assim proponho conversas com os parentes para entender de onde a família vem. Neste sentido as perguntas são abertas e iniciam com perguntas do tipo: Você saberia me dizer qual é a origem da nossa família? Quem são nossos ancestrais? Como eu agia quando criança? Procuro conduzir para um pensamento de pesquisador, então todos os documentos como fotos, vídeos, objetos da casa ou documentos são pensados e investigados.

As relações sociais e interpessoais na própria família são observadas e exige dos “investigadores” Consciência Social e Habilidade de Relacionamento, definidas pela CASEL da seguinte forma:

Consciência Social: Capacidade para compreender as perspectivas e sentir empatia pelos outros, incluindo aqueles de diferentes origens, culturas e contextos (Passos, 2024);

Habilidade de Relacionamento: Capacidade para estabelecer e manter relacionamentos saudáveis e de apoio e transitar de forma produtiva em ambientes com diversos indivíduos e grupos (Passos, 2024).

Neste contexto, para ajudar nos processos do Reconhecimento de si, proponho desenvolver uma escuta ativa e o uso da linguagem descritiva para falar de si e do/com o outro. A empatia é proposta como um guia.

Aqui também usamos o conceito da Cartografia (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015), nos apoiando principalmente em uma cartografia que entende o caminho no seu próprio caminhar. Esse pensamento permite a abertura ao acaso, ao constante estado de presença no fazer, no acontecimento, e dessa forma, provoca-se um engajamento total no processo laboratorial e de campo.

2.3 Etapa 3 – Processo de Criação: Tomada de Decisão Responsável

Aqui as atividades são direcionadas para a linguagem da performance e/ou da dança contemporânea. No entanto, cabe ao artista escolher a sua forma de se expressar. Todo processo de criação está relacionado a jogos de poder, mas



podemos ser uma voz ativa para construção de trajetórias plurais e sensíveis aos problemas do mundo.

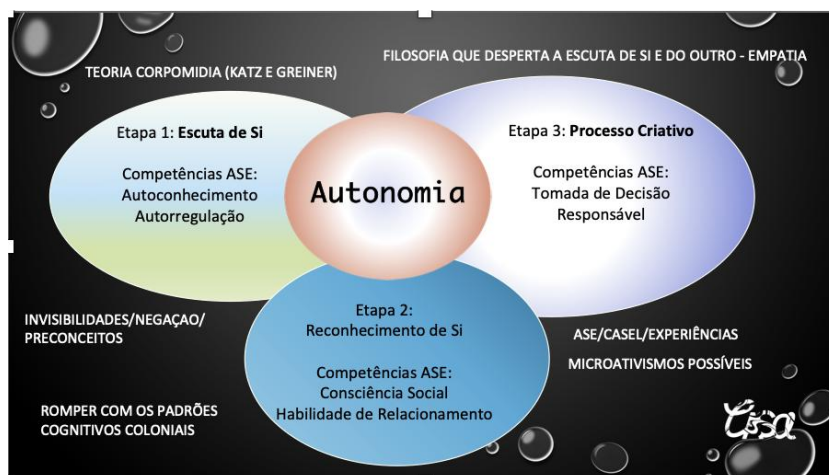
Nesta etapa faço uma aproximação com a competência *Tomada de Decisão Responsável*, que consiste na capacidade de fazer escolhas conscientes e construtivas sobre o comportamento pessoal e as interações sociais em diversas situações, levando em consideração padrões éticos, estéticos e questões de segurança, e principalmente, de avaliar os benefícios e consequências de várias ações para o bem-estar pessoal, social e coletivo (Passos, 2024).

A tomada de decisão responsável reúne todas as outras competências, sendo quase um resultado do que foi experienciado nas primeiras etapas. É importante ressaltar que cada etapa é afetada pela outra, não são apartadas, é corpomídia (Katz; Greiner, 2015), é processual e viva.

A proposta de dar tempo ao aluno para compreender a si mesmo, no seu contexto social, econômico, cultural segue na contramão de um pensamento opressor que a dança em muitos lugares permanece. A autonomia desejada só será possível oferecendo no processo de formação em dança, outras lógicas de formar, criar e desenvolver sua arte, para isso é necessário abrir fendas e provocar rupturas para excluir estereótipos da linguagem corporal.

A figura 1 ilustra o mapa mental desta abordagem.

Figura 1 – Mapa mental da Metodologia CASA.



Fonte: Arquivo Pessoal. Manaus, 2025.

2.4. Relatos de experiências com CASA



A seguir apresento três relatos de jovens pesquisadores e artistas do corpo e vivem na cidade de Manaus, ambos participaram do Projeto CASA financiado pelo Lei Paulo Gustavo/Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Amazonas e realizado em Dezembro de 2023. O objetivo era proporcionar uma vivência de CASA, e oferecer a minha colaboração na continuidade da criação de um processo criativo, pois não tínhamos tempo e nem recurso para finalizar essa etapa dentro do projeto.

Bolsista 1 – A. C.

“A partir de agosto de 2024, o meu envolvimento com a metodologia CASA (Passos, 2024) me permitiu adentrar no universo das performances afro-ameríndias (Ligiéro, 2011). Nesse contexto, busquei a intervenção dos “corpos da floresta” (Passos, 2019) e sua conexão com ancestrais pindoramas e a religião afro-brasileira próximo do contexto familiar e comunitário. Com essa metodologia, busquei retomar uma dança a partir da experiência na infância: caminhar na mata e da presença dos mais velhos em minha vida quando adulto. Essa metodologia tem proposto a mim uma cartografia de maior consciência das minhas vivências e suas potencialidades para a criação artística, nos diálogos familiares e com outros artistas sobre suas experiências com a dança e performance. Esta vivência me levou a refletir sobre práticas corporais negligenciadas em minha vida sob as manifestações culturais de nossos ancestrais.”

Bolsista 2 – FF

“Olá, meu nome é FF. Fiz parte do projeto Casa da professora Yara Costa. E o projeto me apresentou uma série de metodologias que faz com que a gente entre em um percurso de redescobrir o que pode o corpo. Corpo esse que possui algumas funções, para além de ver, tocar, sentir, cheirar, deitar, rolar e que embora, por mais simples que pareça, muitas das vezes o corpo ereto o corpo do “homem antropoceno” que está sempre ereto na sociedade deixa de se agachar, de sentir, de rolar, de pegar, de tocar de se relacionar com o seu corpo propriamente existente, E no contexto da cidade, a gente continua muito mais na verticalidade.

Caminhando na vertical, caminhamos olhando para o futuro, para a frente, sem olhar para trás, para a nossa ancestralidade e deixamos de olhar também o nosso ao redor e quais ações se promovem a partir disso tudo? positivas? negativas? criadoras ou destrutivas? E o projeto Casa, pelo que eu percebi, nos proporciona um tempo mais dilatado para sentir a rotatividade do corpo, o movimento simples que seja de deitar, de sentir, de olhar para cima e de modificar o ponto de vista e nos convida a sentir novamente o corpo e a problematizar

O que é o corpo na floresta? Ou o que é o corpo no centro urbano? e o mais interessante é poder ressignificar o que se extrai de tudo isso, desse laboratório, dessa pesquisa. E com isso, fico muito feliz porque muitas vezes a gente realmente esquece, pela correria do dia, pela correria do dia a dia na faculdade, pela correria teórica das coisas da sociedade, a gente deixa de pensar também com o corpo e pensar somente com a cabeça, com a mente, talvez no leve para algumas mecanizações ou bússola sem norte. Então, o Projeto Casa vem nos trazendo a possibilidade de retomar, retomar as ideias do corpo, as ideias do espírito, alinhar com a mente e melhor agir com o corpo. E tudo isso eu peguei para refletir. Também compartilhei o laboratório com a minha Mãe, a Dona Maria do Carmo,



melhor conhecida como Dona Marli, que também traz essa relação de retomada do seu corpo com a floresta e que se descalça das borrachas isolantes que muitas vezes impedem os pés de tocar o chão. O projeto Casa, para mim, foi e é um convite maravilhoso de também entender tudo isso e trazer a partilha para outros corpos também, que possam se redescobrir e se ressignificar.

Para mim tudo isso já faz parte de uma cosmovisão antropológica de tudo o que é de tudo o que somos e de tudo o que ainda podemos. Gratidão pelo convite e pelas ferramentas dispostas que ainda serão muito úteis para outras.”

Bolsista 3 – CK

“O projeto casa foi um espelho d’água, aos poucos fui saindo da Fumaça que voa entre casa e prédio e fui ficando frente a frente comigo mesmo. Durante o processo, mergulhei profundamente nas histórias das minhas famílias pra saber quem eu sou, e em que chão estou pisando. Quando mais procurava saber, mais ficava encantado com os relatos dos mais velhos.

Quando comecei a ter contato com a cidade, parece que passei pelo lago do esquecimento, por muitas vezes não conseguia lembrar de quem eu era e nem de onde tinha vindo, não conseguia compreender o que estava vendo e nem o que estava ouvindo. Por muitas vezes me senti estranho, até mesmo louco, por tudo aquilo que estava chegando, que muito definem de algo novo. O projeto casa com sua metodologia que chamo de encantamento, fiz ouvir novamente o canto do galo no arraiar do amanhecer. Sentir que nasceu dentro de mim um novo dia, hoje voltei a escutar os sons dos tambores da floresta, o assobio do curupira brincando entre as árvores, e consigo vê ouvir e entender cada canto dos passarinhos. Hoje sinto que minhas raízes conseguiram atravessar o concreto que deixava minhas folhas murcha. O projeto casa me resgatou, me colocou na canoa de estrela e me mandou pra casa.”

Analisando estes relatos, destaco o protagonismo nas falas com muita poesia, o encontro consigo mesmo disparado pela metodologia proposta. Percebo a vivência como uma oportunidade para a valorização das ancestralidades que estão no Norte, e que as estratégias e intervenções realizadas via CASA podem conduzir à essa valorização e reconhecimento de si.

Como resultado do projeto CASA, apenas esses três bolsistas chegaram a um produto artístico mais acabado. Porém ainda precisam dar continuidade nos seus estudos do movimento na cena dançada ou performada. Houve, como era esperado, um interesse maior para trabalhar com as questões da Amazônia, com manifestos que partem de si para o cuidado com o outro (pessoas e natureza).

Na conversa com estes artistas, procuro enfatizar que é fundamental assumirmos a responsabilidade diante das violências que há séculos recaem sobre as *corpas e corpos da floresta* (Passos, 2019). Como resistir ao capitalismo e



conquistar autonomia artística? Acredito que é justamente pela arte — sendo artista em sua natureza — que podemos desestabilizar esse chão de concreto que o capitalismo impôs e abrir brechas para outros modos de existir.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia CASA busca entender como as especificidades de gestos, de movimentos dançados, pode romper com grandes estigmas que geralmente são difíceis de desestabilizar. Para experienciar essa ruptura, precisamos lidar com a complexidade, vivendo processos mais imersivos em si mesmo. Porém o conforto em se acomodar nos procedimentos que já conhecemos é altamente convidativo e sedutor, mas CASA acredita no caminho da desestabilização para encontrar outros modos de ver/tocar/sentir/criar, principalmente tratando-se de corpos e corpos da Amazônia que crescem em espaços que até hoje reproduzem o pensamento do colonizador.

Como friccionar isso? Como as *corpas* e *corpos da floresta* (Passos, 2019) podem romper com esses estigmas e preconceitos. Proponho pensar em uma auto subversão, e, mergulhar em um fazer artístico que de fato parte da sua história, valorizando a cartografia de si e suas raízes, convocando as suas ancestralidades.

Este trabalho entre a dança e as competências da ASE (Aprendizagem Socioemocional) demanda maior tempo para sua experimentação, ainda há muito a investigar para se firmar como possibilidade mais concreta na escrita e correlação de conceitos. Porém, já se mostra potente para algumas pessoas que estão trabalhando com estes entrelaçamentos teórico-práticos.

A expectativa é compartilhar um modo de se fortalecer na Dança/vida, com processos criativos que se comuniquem diretamente com mergulhos em si sem esquecer que o “si” é constituído pelo coletivo. Talvez dessa forma, pensando em um “eu=nós”, possamos *corpar* (Katz, 2021) e viver outros hábitos na construção de obras artísticas que nos gerem maior dignidade no sistema capitalista.

REFERÊNCIAS



COSTA, L. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *Revista Digital do LAV*. Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 66-77, 2014.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KATZ, H. Corpar. Porque corpo também é verbo. In: BASTOS, H. (org.), *Coisas vivas: fluxos que informam* [recurso eletrônico]. São Paulo: ECA-USP, 2021, p. 19 – 31.

KATZ, H.; GREINER, C. (orgs.). *Arte & Cognição: corpomídia, comunicação, política*. São Paulo: Annablume, 2015.

KRENAK, A. *Caminhos para a cultura do Bem-Viver*. 2020. Livro eletrônico, disponível em www.culturadobemviver.org. Acesso em 01/01/2022.

LAPOUJADE, D. William James, a construção da experiência. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LOPES, V., & PASSOS, Y. dos S. C. Estética em transe: manifestações artísticas em tempos de pandemia. *Revista Outras Fronteiras*, 8(1), 50–67. Recuperado de <https://periodicoscientificos.ufmt.br/outrasfronteiras/index.php/outrasfronteiras/article/view/475>.

OLIVEIRA, L. F. de. O que é uma educação decolonial, In: *Revista Nuevaamérica*, (Buenos Aires), n.149, p. 35-39, 2016.

PASSOS, E., KASTRUP, V., ESCÓSSIA, L. (orgs.) *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção da subjetividade*. Porto Alegre, Sulina, 2015.

PASSOS, Y. dos S. C. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

PASSOS, Y. dos S. C. Metodologia CASA: por mais autonomia na dança. In: *Revista Cidade Nuvens*, v. 1, n. 09, p. 49 – 53, 2024.